



Vol 7, Núm 1, jan-jun, 2026, pág.764-777.

Percepção das comunidades de namaita no distrito de rapale sobre a intervenção das ONGs, 2022.

Chinde Cipriano Artur¹
Pascoal Muibo²

RESUMO

O presente artigo subordina-se ao tema Percepção das Comunidades de Namaita sobre a intervenção das ONGs. Com este tema objectivou-se Analisar as percepções das comunidades de Namaita sobre as intervenções das ONGs. Especificamente a pesquisa **pretende**, descrever as opiniões dos residentes das comunidades de Maruha e Muleheia em Namaita e Identificar as práticas desenvolvidas pelas ONGs nas comunidades de Maruha e Muleheia em Namaita. A pesquisa foi realizada por meio de consultas de algumas fontes bibliográficas de autores que estudaram o referido tema e uma pesquisa de campo em nível qualitativo, que envolveu 4 pais, 3 mães e 3 alunos para cada comunidade. O critério aplicado para a escolha desses gestores permitiu estabelecer a validade de um conjunto de observações e suspender a inclusão de novos participantes, de forma a não provocar ao pesquisador uma certa redundância ou repetição. Para a colecta dos dados deste estudo, optou-se por observação participante e entrevista semi - estruturada. A partir dos dados colhidos, foi possível concluir que as ONG funcionam como agentes facilitadores do processo de desenvolvimento das comunidades de Maruha e Muleheia em Namaita. Contudo, o que falta às ONGs é a capacidade para aceitar a própria natureza política do desenvolvimento.

Palavras-chave: Intervenção; comunidade; ONGs.

ABSTRACT/ RESUMEN

This article focuses on the Perceptions of Namaita Communities of NGO Intervention. The aim of this article is to analyze the perceptions of Namaita communities regarding NGO interventions. Specifically, the research aims to describe the opinions of residents of the Maruha and Muleheia communities in Namaita and identify the practices developed by NGOs in the Maruha and Muleheia communities in Namaita. The research was carried out through consultations of some bibliographic sources of authors who studied the aforementioned topic and a qualitative field research, which involved 4 fathers, 3 mothers and 3 students for each community. The criteria applied to choose these managers allowed the validity of a set of observations to be established and the inclusion of new participants to be suspended, so as not to cause the researcher to experience redundancy or repetition. To collect data for this study, participant observation and semi-structured interviews were used. From the data collected, it was possible to conclude that NGOs function as facilitating agents in the development process of the Maruha and Muleheia communities in Namaita. However, what NGOs lack is the ability to accept the very political nature of development.

¹ Mestrando em Sociologia de Desenvolvimento (UniRovuma); Licenciado em Psicologia Escolar (UP). Coordenador do Centro de Orientação Empresarial - no Instituto Para Promoção das Pequenas e Médias Empresas em Nampula. E-mail: chindeartur17@gmail.com. País. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0001-5372-3080>.

² Doutorado em Sociologia- Ciências Políticas, pela Universidade Otto-von-Guericke Magdeburg. Alemanha. P.muiibo@gmail.com



Keywords: Intervention; community; NGOs.

INTRODUÇÃO

Namaita, arco espacial da pesquisa, é um Posto Administrativo do Distrito de Rapale, Província de Nampula, no extremo norte de Moçambique, e dista da cidade de Nampula, cerca de 38km. Actualmente, tem uma população de 126.681 pessoas segundo censo 2007. Toda área do Posto, ficou transformada em aldeias comunais como processo de Socialização do campo no início dos anos 80. O movimento das aldeias comunais, associado a cooperação, pretendia não apenas vencer o subdesenvolvimento no País, mas também transformar as relações sociais. Como é detalhado num dos próximos capítulos, o conceito de desenvolvimento por muito tempo foi visto como sinónimo de crescimento económico e, baseado no modelo ocidental. Contudo, este conceito sofreu várias alterações ao longo do tempo, pois verificou-se que seria necessário englobar outras áreas nesta definição para além da dimensão económica, um desenvolvimento que de facto contribuísse para o melhoramento da sociedade, no qual o desenvolvimento sustentável faz parte. Desta forma, a abordagem do desenvolvimento passou a envolver aspectos sociais, políticos, com o envolvimento do Estado e da organização da sociedade civil em prol de um desenvolvimento cada vez mais centrado na preocupação com a sociedade. Nessa acepção, as ONGs são conhecidas pelas diferentes, mas interrelacionadas, formas de actuar na sociedade. Elas desempenham papéis diferentes e tomam diferentes formas dentro e entre diferentes sociedades. A partir desse pressuposto, a pesquisa busca de saber *quais percepções as comunidades de Namaita têm sobre as intervenções das ONGs?* Com essa questão pretende-se analisar as percepções das comunidades de Namaita sobre as intervenções das ONGs. Especificamente pretende-se descrever as opiniões dos residentes das comunidades de Maruha e Muleheia em Namaita e identificar as práticas desenvolvidas pelas ONGs nas comunidades de Maruha e Muleheia em Namaita.

REFERÊNCIAL TEÓRICO

Repensar as intervenções das ONGs em Moçambique, sobretudo em Namaita, requer uma breve análise na linha do tempo, percorrendo factos e conceitos da história das ONGs, para



entendê-la em suas origens e em seus avanços num determinado contexto. Assim, diferentes perspectivas surgem, e associadas a essa evolução histórica na vertente do desenvolvimento, merecendo destaque aquela que se associa de forma primordial ao apoio das comunidades carenciadas.

1.1. Percurso histórico das Organizações Não Governamentais para o Desenvolvimento (ONGD) Moçambicano.

Para alguns, a Organizações Não Governamentais para o Desenvolvimento (ONGD) que no período pós-independência primeiro se começou a destacar em Moçambique, foi a Cruz Vermelha, em 1981 (NGOMANE 2002, p.17). A sua acção na altura foi muito dirigida ao socorro às vítimas de guerra. Posteriormente, chegaram outras ONGD estrangeiras como a *World Vision* e a *Save The Children*.

No final da década de 80 do século XX, a acção das ONGD estrangeiras era tão intensa que começaram a surgir pressões internas para que estas passassem a ter que trabalhar e/ou colaborar com ONGD locais a fim de que a partir do seu trabalho se pudesse obter um resultado mais eficaz. Assim, nasceram as parcerias com organizações como a associação Mulher Moçambicana e a União Geral das Cooperativas, por exemplo.

O período de 1984 a 1996 foi o mais fértil no que concerne o surgimento do grande movimento das ONGD moçambicanas. Seguramente neste processo, teve grande responsabilidade a aprovação da Constituição de 1990, que proclamou o multipartidarismo e sobretudo a liberdade de expressão e associação.

De acordo com Francisco et al. (2007), isto representa um certo empoderamento dos cidadãos e maior oportunidade para a intervenção na tomada de decisões e exigência de *accountability* em relação aos governantes (p. 48).

Na realidade, a primeira Constituição da República Popular de Moçambique, foi instituída em 1975. Isto foi justificado porque só um partido único era o garante de fidelidade e, portanto de segurança da aplicação rigorosa do programa do governo (Chambule 2000, p. 108). Foi como defender que um partido único pode manter o controlo e a tranquilidade de um País, mas também que o governo quer assumir integralmente a responsabilidade e o ónus da governação.



Nessa acepção, a situação mudou durante a década de 80 do século XX. Isto porque houve um período de recessão, causado por uma série de calamidades naturais e por uma guerra civil intensa. O governo moçambicano, para sair desta crise, não encontrou outra solução senão aderir ao Banco Mundial e ao FMI (Fundo Monetário Internacional), em 1984. É nesta altura que começaram em Moçambique a aparecer as primeiras Organizações Não Governamentais internacionais.

1.2. Das Organizações Não Governamentais (ONG) à Organizações Não Governamentais para o Desenvolvimento (ONGD)

Houve uma evolução nas tipologias das ONG durante as décadas 60, 70 e 80. Inicialmente, encontramos ONG empenhadas num trabalho humanitário, focalizado nas ajudas aos refugiados, mas sucessivamente, nos anos 70, as ONG adoptam uma base mais estruturalista, que denuncia a pobreza como consequência das relações económicas internacionais. Foi introduzido assim o tema de uma nova ordem económica internacional. As acções foram assim alargadas em forma de propaganda nos seus próprios países de origem, num termo que constitui hoje a “educação para o desenvolvimento” (ALVES 1996, p.48). Passou-se assim da ONG humanitária à ONGD de desenvolvimento. A este propósito, os autores como Korten (1987) e Elliot (1987), partindo do mesmo pressuposto, tentaram elaborar uma teoria sobre a evolução das ONG ao longo deste período. O processo de actuação das ONGD tem acompanhado naturalmente o procedimento histórico, e consoante as transformações políticas e sociais de cada contexto essa evolução assumiu formas diferentes.

Aqueles autores apresentam então uma distinção entre gerações, tendo em conta as mesmas características: áreas de surgimento e de actividade. Korten (1987) e Elliot (1987) concordam na definição das primeiras duas gerações, chegando a dois resultados diferentes.

Sob esta perspectiva, a primeira geração é aquela que inclui as ONG de ajuda humanitária e de promoção do bem-estar, sendo o seu objectivo principal a prestação de assistência específica às necessidades imediatas da população, como situações de calamidade ou de guerra. É uma tipologia de ajuda de emergência que implica um apoio específico e temporário. O objectivo principal, portanto, não é aportar uma melhoria ao subdesenvolvimento, mas procurar o mais rapidamente



possível os instrumentos técnicos necessários que permitam ao país sair da condição na qual se encontra (MAURI, 2013).

A segunda geração engloba as ONG que desenvolvem projectos em pequena escala, localmente, com o objectivo de acabar com a situação de dependência e promover o desenvolvimento autossustentado. Estas ONG diferenciam-se das de primeira geração pelo facto de se envolverem em campanhas políticas e acções de protesto, tal como de tentarem promover um autodesenvolvimento ao nível local. Esta geração nasce no início dos anos 70 e incentiva a uma apropriação do projecto por parte da população local, fornecendo-lhes os instrumentos teóricos e técnicos adequados para o desenvolvimento destas ideias.

Relativamente à terceira geração vemos os dois autores em contraposição. Korten (1987) parte da constatação de que as ONG, agindo isoladas não podem alcançar grandes objectivos; do mesmo modo, um desenvolvimento centrado só entre as aldeias e vilas não poderá perdurar se não encontrando uma colaboração entre as várias entidades locais no quadro de um sistema sustentável e de apoio ao desenvolvimento.

Portanto, Korten (1987) posiciona as ONG da terceira geração como agentes catalisadores, ou seja, uns facilitadores do processo de desenvolvimento, superando a própria figura clássica de agente externo da comunidade. Portanto, para o autor, a terceira geração não define uma tipologia única de ONG, mas implica do mesmo modo uma alta competência técnica, uma sensibilidade dos seus agentes e um grande domínio em cada campo onde eles intervêm. Com isto, o autor sublinha que a terceira geração pode definir exclusivamente uma ONG ou que, ao contrário, uma ONG pode ter as três gerações incluídas (KORTEN 1987, pp.147-148).

Elliot (1987, pp.58-59) por sua vez não se encontra totalmente em acordo com Korten (1987), para o autor, o que falta às ONG é a capacidade para aceitar a própria natureza política do desenvolvimento. As ONG não devem intervir demasiado na própria implantação dos projectos, mas tentar influenciar os condicionamentos globais de desenvolvimento do Sul por meio de uma educação para o desenvolvimento do Norte.

Elliot (1987) e Korten (1987) estão de acordo quanto ao facto de que o elemento fundamental das primeiras gerações foi o envolvimento dos cidadãos, que mediante um fortalecimento das instituições locais conseguiram ter uma democracia efectiva e, portanto, uma redistribuição equilibrada sobre os bens políticos e económicos. A terceira geração, segundo a opinião de Elliot, é vista como um elemento catalisador de intervenções micro políticas, que visa



modificar os métodos de mobilização e aproveitamento dos escassos recursos existentes, onde a pessoa humana é o factor fundamental. Para o autor as três gerações são evidentes, sendo que as duas primeiras podem relevar-se inúteis se não é feito um esforço no sentido de alcançar a terceira geração. Para ele, a transformação não é um projecto, mas um processo. Neste sentido, supera-se a restrição da associação do sucesso que era reconhecida somente a profissionais especializados, atribuindo-se, assim, menor importância às agências do Norte.

Estes dois autores, portanto, analisaram a evolução das ONG através da Teoria das Gerações, explicando o nascimento das ONGD direcionadas para o desenvolvimento.

1.3. O papel da ONGD e o da ONG em Moçambique

Mauri (2013) afirma que o trabalho das ONGD baseia-se no envolvimento dos recursos humanos locais, motivando-os para uma participação activa no próprio processo de desenvolvimento. Estas ONGD trabalham em vários sectores:

Os objectivos podem ser muitos, mas de acordo com Vieira (1996), concentram-se em algumas tarefas principais: (i) ajuda ao desenvolvimento; (ii) eliminação de novas situações de dependência ao nível alimentar, tecnológico, etc.; (iii) promoção do papel da mulher; (iv) realização de projectos para o reforço dos recursos locais; (v) assunções de camponeses como sujeitos prioritários; (vi) consecução de autossuficiência alimentar; (vii) prioridade sobre os aspectos qualitativos e o aumento da ajuda pública (p. 38).

Estas tarefas tinham como objectivo fundamental tornar a população verdadeiramente protagonista do seu próprio desenvolvimento (MAURI, 2013, p.39). As Organizações não-governamentais (ONGs) fazem parte do terceiro sector, elas não fazem parte do Estado e nem são o mercado, ou seja, elas fazem parte do sector privado, mas também são de carácter público na medida que se preocupam com os interesses públicos. São formadas por associações, fundações, institutos, cujo objectivo comum é o interesse da comunidade e o bem comum (Herculano, 2000).

As ONGs são conhecidas pelas diferentes, mas interrelacionadas, formas de actuar na sociedade. Elas são importantes prestadoras de serviços para camadas carenciadas da população e têm também um papel muito importante na divulgação de informação e acção que ajudam de certa forma na transformação da sociedade, na vertente política, ambiental, direitos humanos, entre outras (HAMILTON et al., 2010).



METODOLOGIA

Para atingir os objectivos traçados, houve a necessidade de se buscar uma metodologia que, enquanto processo, pudesse auxiliar o pesquisador a reflectir sobre a realidade investigada que, no caso deste estudo, refere-se a um paradigma fenomenológico-interpretativo.

A escolha deste paradigma foi devido à natureza do estudo, pois segundo Saccol (2009), Burrel e Morgan (1979) e Alves-Mazzotti (2006), a pesquisa interpretativista assume que, o que se tem como resultado de uma investigação não são os factos em si, mas a interpretação do pesquisador sobre as interpretações dos indivíduos que participam em um determinado fenómeno.

Pelo facto deste paradigma, procurou-se compreender um fenómeno social pela perspectiva dos seus participantes. O estudo ocorreu num ambiente natural, onde o fenómeno de interesse provavelmente ocorre, que para este estudo são as comunidades de Namaita.

3.1. Tipo de pesquisa

Quanto aos objectivos, o estudo é descritivo. Segundo Gil (2002) e Prestes (2007, cit. em Faculdade São Lucas [FSL], 2012), a pesquisa descritiva visa descrever as características de determinada população ou fenómeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Assume, em geral, a forma de Levantamento, que para este estudo foi feito por via de observação, registo e interpretação dos factos e na base das descrições feitas pelos entrevistados.

Quanto a abordagem, este estudo apresenta características directamente relacionadas à pesquisa qualitativa, porque este tipo de pesquisa assenta-se no paradigma fenomenológico interpretativo. E, como se sabe, de acordo com Ludke e André (1986) e Martin (2002, cit. em Gil, 2007), a finalidade real dessa pesquisa não é a de numerar fenómenos ou pessoas, mas, explorar o aspecto de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão por meio de observação, entrevista e a análise documental. Esses instrumentos são básicos e, habitualmente, são utilizados na recolha de dados.

3.2. Instrumentos e técnicas de recolha de dados

3.2.1. Observação participante

A observação é uma técnica que faz uso dos sentidos para a apreensão de determinados aspectos da realidade (LAVVILE & DIONNE, 1999; GERHARDT & SILVEIRA, 2009).



Assim, esta técnica foi um importante recurso para conseguir informações que utilizam os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade na busca de examinar os factos a serem estudados. Ela foi realizada em situações controladas de modo a responder aos propósitos definidos na pesquisa.

3.2.2. Entrevista semi-estruturada

Essa técnica permitiu que os entrevistados, os quais serão dirigidos as entrevistas, fornecessem informações necessárias para a pesquisa. De acordo com Gil (2009) e Gerhardt e Silveira (2009), a entrevista semi-estruturada desenvolve-se a partir de uma selecção fixa de perguntas, cuja ordem e redacção permanecem invariáveis para todos os entrevistados, que geralmente são grandes números. Na entrevista semi-estruturada, o pesquisador organizou um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permitiu, e às vezes até incentivou, que o entrevistado falasse livremente sobre assuntos iam surgindo como desdobramentos do tema principal, ou seja, permite ao entrevistado seguir uma sequência prevista, na qual o entrevistador pode acrescentar algumas perguntas de esclarecimento, sem fugir do objectivo principal.

3.3. Participantes do estudo

O estudo foi feito em duas comunidades de Namaita, no distrito de Rapale, Para cada comunidade, foram os participantes deste estudo: 4 (quatro) pais, 3 (três) mães e 3 (três) alunos, escolhidos por inconveniência.

Na opinião de Thiry-Cherques (2009), a saturação designa o momento em que o acréscimo de dados e informações em uma pesquisa não altera a compreensão do fenómeno a estudar. É um critério que permite estabelecer a validade de um conjunto de observações. Para tal, esta forma de colecta de dados é suspensa a inclusão de novos participantes quando os dados obtidos, provocam ao pesquisador uma certa redundância ou repetição. **Quadro metodológico**

Objectivos específicos	Técnica de colecta de dados	Participantes do estudo
Descrever as opiniões dos residentes das comunidades de Maruha e Muleheia em Namaita;	Entrevista semi-estruturada.	Pai, mãe e alunos.



Identificar as práticas desenvolvidas pelas ONGs nas comunidades de Maruha e Muleheia em Namaita.	Observação e entrevista semi-estruturada.	O proponente, pai, mãe e alunos
---	---	---------------------------------

ANÁLISES E RESULTADOS

Neste capítulo são apresentados os principais resultados e discussões acerca das observações feitas pelo proponente e das entrevistas aplicadas e uma análise sobre as respostas obtidas nas comunidades de Namaita, no do distrito de Rapale.

3.1. Apresentação, análise, interpretação dos dados e discussão dos resultados referentes a comunidade de Maruha em Namaita

3.1.1. Percepção sobre as ONGs

Nesta categoria, procurou-se entender dos pais (P), mães (M) e Alunos (A) sobre a percepção das ONGs no Centro Muleheia. Em vista disso, todos os alunos entrevistados, (A1), (A2) e (A3) entendem como *uma organização que visa ajudar os distritos para o seu desenvolvimento*. A visão destes pais entrevistados assemelha-se com a ideia de alguns participantes entrevistados, o (P1), (P2) (P3) e (M1) ao referirem *as ONGs como um conjunto de pessoas cujo objectivo é ajudar as outras pessoas*. Os restantes entrevistados, o (P4) e (M3) revelaram não entender o que significa ONGs.

Nas percepções dos participantes, é possível constatar-se duas (02) perspectivas distintas: (i) a maioria dos participantes do estudo, considerarem a ONG como um conjunto de pessoas organizadas que visa ajudar as outras pessoas; e (ii) Alguns entrevistados revelarem não entender o que significa ONGs.

A ideia da maioria dos participantes do estudo que consideraram a ONG como um conjunto de pessoas organizadas que visa ajudar as outras pessoas, é defendida por muitos outros autores como Korten (1987) posiciona as ONG da terceira geração como agentes catalisadores, ou seja, uns facilitadores do processo de desenvolvimento superando a própria figura clássica de agente externo da comunidade. Portanto, para o autor, a terceira geração não define uma tipologia única de ONG, mas implica do mesmo modo uma alta competência técnica, uma sensibilidade dos seus agentes e um grande domínio em cada campo onde eles



intervêm. Com isto, o autor sublinha que a terceira geração pode definir exclusivamente uma ONG ou que, ao contrário, uma ONG pode ter as três gerações incluídas (KORTEN 1987, pp.147-148). Ora, a perspectiva de alguns entrevistados revelarem não entender o que significa ONGs., Elliot (1987, pp.58-59) por sua vez não se encontra totalmente em acordo com Korten (1987) porque, para ele, a transformação não é um projecto, mas um processo. Neste sentido, supera-se a restrição da associação do sucesso que era reconhecida somente a profissionais especializados, atribuindo-se, assim, menor importância às agências do Norte. De acordo com o autor, o que falta às ONG é a capacidade para aceitar a própria natureza política do desenvolvimento. As ONG não devem intervir demasiado na própria implantação dos projectos, mas tentar influenciar os condicionamentos globais de desenvolvimento do Sul através de uma educação para o desenvolvimento do Norte.

3.1.2. Práticas desenvolvidas pelas ONGs na comunidade de Maruha

Nesta categoria, procurou-se entender dos pais (P), mães (M) e Alunos (A) sobre a importância das ONGs para a comunidade de Maruha. Em vista disso, alguns entrevistados, (P1), (P2), (P3), (M1) e (M2) consideram *importante porque, as vezes, as empresas oferecem alimentos, redes mosquiteiras aos que não reúnem condições*. A visão destes pais entrevistados assemelha-se com a ideia dos alunos entrevistados, o (A1), (A2) e (A3) ao afirmarem que *as ONGs ajudam na construção de escolas e distribuição de material escolar, e na construção de centros de saúde para a população*. Os restantes entrevistados, o (P4) *afirmou que as ONGs só estão para enganar o povo, que somente aparecem para promover o povo, mas, praticamente não fazem nada*. Esta ultima visão assemelha-se com a de uma mãe entrevistada, a (M3) ao revelar que desconhece a importância das ONGs na vila de Rapale.

Ora, a perspectiva de alguns entrevistados revelarem que as ONGs só estão para enganar o povo, que somente aparecem para promover o povo, Hamilton et al. (2010) considera imprecisa, porque isso distancia-se do seu propósito, o de prestar serviços para as camadas carenciadas da população e desvincula-se do seu papel muito importante na divulgação de informação e acção que ajudam de certa forma na transformação da sociedade, na vertente política, ambiental, direitos humanos, entre outras.



A ideia da maioria dos participantes do estudo que considerou as práticas desenvolvidas pelas ONGs como importantes porque, as vezes, as empresas apoia na construção de escolas e distribuição de material escolar, e na construção de centros de saúde para as populações, é defendida por muitos outros autores como Mauri (2013) afirma que o trabalho das ONGD baseia-se no envolvimento dos recursos humanos locais, motivando-os para uma participação activa no próprio processo de desenvolvimento. Estas ONGD trabalham em vários sectores, objectivando: (i) ajudar ao desenvolvimento; (ii) eliminar novas situações de dependência ao nível alimentar, tecnológico, etc.; (iii) promover o papel da mulher; (iv) realizar projectos para o reforço dos recursos locais; (v) assunções de camponeses como sujeitos prioritários; (vi) consecução de auto-suficiência alimentar; (vii) prioridade sobre os aspectos qualitativos e o aumento da ajuda pública (p. 38).

3.2. Apresentação, análise, interpretação dos dados e discussão dos resultados referentes a comunidade de Centro Muleheia em Namaita

3.1.1. Percepção sobre as ONGs

Nesta categoria, procurou-se entender dos pais (P), mães (M) e Alunos (A) sobre a percepção das ONGs no Centro Muleheia. Em vista disso, a maior parte dos pais entrevistados, (P1), (P2) e (P3) entendem como *uma empresa que visa socorrer os pobres*. A visão destes pais entrevistados assemelha-se com a ideia de alguns participantes entrevistados, o (A1), (A2) e (M1) ao referirem a ONGs como *uma organização cujo objectivo é ajudar os necessitados*. Os restantes entrevistados, o (P4), (A3), (M2) e (M3) revelaram nunca terem ouvido falar de ONGs.

Nas percepções dos participantes, é possível constatar-se duas (02) perspectivas distintas: (i) todos os pais, participantes do estudo, apesar de um pai ter revelado nunca ter ouvido falar de ONGs., entenderam ONGs como *uma empresa que visa socorrer as pessoas mais carenciadas*; e (ii) Alguns entrevistados revelarem nunca terem ouvido falar de ONGs.

Ora, a perspectiva de alguns entrevistados revelarem nunca terem ouvido falar de ONGs, (HERCULANO, 2000) considera imprecisa, porque dessa forma, não se preocupam com os interesses públicos, isto é, cujo objectivo comum deixa de ser o interesse da comunidade e o bem comum.



A ideia da maioria dos participantes do estudo que definiu ONGs como uma empresa que visa socorrer as pessoas mais carenciadas, é defendida por muitos outros autores como Mauri (2013) que assegura que as ONG desenvolvem projectos em pequena escala, localmente, com o objectivo de acabar com a situação de dependência e promover o desenvolvimento autossustentado. Estas ONG diferenciam-se das de primeira geração pelo facto de se envolverem em campanhas políticas e acções de protesto, tal como de tentarem promover um autodesenvolvimento localmente.

3.1.2. Práticas desenvolvidas pelas ONGs na comunidade de Centro Muleheia

Nesta categoria, procurou-se entender dos pais (P), mães (M) e Alunos (A) sobre a importância das ONGs para o Centro Muleheia. Em vista disso, todas as mães entrevistadas, (M1), (M2), (M3) *não consideram impactante porque não desenvolvem nenhuma prática*. A visão destas mães entrevistadas assemelha-se com a ideia de alguns entrevistados, o (A1), (A2), (P1) e (P2) ao afirmarem que *as ONGs não ajudam no desenvolvimento da localidade de Mulrheia*. Os restantes entrevistados, o (P3), (P4) (A3) afirmaram *ter sido importante no desenvolvimento, não só do Centro Muleheia, mas também em toda parte do mundo*.

Nas percepções dos participantes, é possível constatar-se duas (02) perspectivas distintas: (i) a maioria dos participantes do estudo não considerarem as práticas das ONGs impactante no desenvolvimento do Centro Muleheia; e (ii) Alguns entrevistados revelarem ter sido importante no desenvolvimento, não só do Centro Muleheia, mas também em toda parte do mundo. Ora, a perspectiva da maioria dos entrevistados não consideram as práticas das ONGs impactante no desenvolvimento do Centro Muleheia, Mauri (2013) considera imprecisa, porque dessa forma distancia-se daquela de ajuda humanitária e de promoção do bem-estar, sendo o seu objectivo principal a prestação de assistência específica às necessidades imediatas da população, como situações de calamidade ou de guerra, ou uma tipologia de ajuda de emergência que implica um apoio específico e temporário. Korten (1987) que assevera que parte da constatação de que as ONG, agindo isoladas não podem alcançar grandes objectivos; do mesmo modo, um desenvolvimento centrado só entre as aldeias e vilas não poderá perdurar se não encontrando uma colaboração entre as várias entidades locais no quadro de um sistema sustentável e de apoio ao desenvolvimento. A ideia de alguns entrevistados revelarem as ONGs



terem sido importantes no desenvolvimento, não só do Centro Muleheia, mas também em toda parte do mundo, é defendida por muitos outros autores como Mauri (2013) e (Ngomane 2002) que entendem que a acção das ONGs é dirigida ao socorro às vítimas de calamidades ou guerras. Portanto, todas as ONGs têm como objectivo fundamental tornar a população verdadeiramente protagonista do seu próprio desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todo o caminho percorrido ao longo da pesquisa, da conta das conclusões à luz dos resultados obtidos não se revela tarefa fácil, pelo que se quer evidenciar a provisoriação e limitação da mesma. As ONG funcionam como agentes catalisadores, ou seja, uns facilitadores do processo de desenvolvimento, superando a própria figura clássica de agente externo da comunidade. Portanto, ela não define uma tipologia única, mas implica do mesmo modo uma alta competência técnica, uma sensibilidade dos seus agentes e um grande domínio em cada campo onde eles intervêm, concretamente as comunidades de Maruha e Muleheia.

Contudo, o que falta às ONG neste arco espacial da pesquisa, é a capacidade para aceitar a própria natureza política do desenvolvimento. Portanto, as ONG não devem intervir demasiado na própria implantação dos projectos, mas tentar influenciar os condicionamentos globais de desenvolvimento do Sul através de uma educação para o desenvolvimento do Norte. É mesmo por essa razão, que o trabalho das ONGD baseia-se no envolvimento dos recursos humanos locais, motivando-os para uma participação activa no próprio processo de desenvolvimento, objectivando ajudar no seu desenvolvimento, promovendo o bem-estar às necessidades imediatas da população.

REFERÊNCIAS

- Alves, M. I. (1996). *As ONGD na política comunitária de Cooperação para o desenvolvimento*. Lisboa: CIDAC.
- Chambule, A. (2000). *Organização administrativa de Moçambique*. Maputo: CIEDIMA.
- Elliot, C. (1987). Alguns aspectos de relação entre as Organizações não Governamentais do Norte e Sul.
- Faculdade São Lucas. (2012). *Manual de elaboração do projeto para trabalho de conclusão de curso – TCC curso de nutrição da FSL*. [s.l]: FSL.



- Francisco, A. (2008). *Índice da sociedade civil em Moçambique 2007*. FDC, Fundação para o desenvolvimento da comunidade: Maputo.
- GIL, A. (2009). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (4^a ed.). São Paulo: Atlas.
- GIL, A. (2007). *Como elaborar projectos de pesquisa*. São Paulo: S/ed. Atlas.
- Hamilton, T., Spengler, N., Blaess, F., Dibb, R., DeJonge, A., Freise, M., Thuemler, E. (2010). *Organizações Não-Governamentais, Definição e Historia*.
- Herculano, S. (2000). *ONGs e Movimentos Sociais: A Questão de Novos Sujeitos Políticos para a Sustentabilidade. Meio Ambiente: Questões Conceituais*.
- Korten, D. (1987). *Estratégias da Terceira Geração das Organizações não-Governamentais: Desenvolvimento do Mundo*.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*.
- Ludke, M. & André, M. (1986). *Pesquisa em Educação - Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Mauri, G. (2013). *Análise do trabalho de algumas ONG em Moçambique Lisboa*. Lisboa: UTL.
- Ngomane, B. (2002). *A realidade das organizações não-governamentais moçambicanas. Fórum DC, Desenvolvimento e Cooperação*.
- Thiry-cherques, H. R. (2009). *Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. Af-Revista PMKT 03 Completa 4 cores: Layout*, (40), 20-27.

Recebido em: 30 de setembro de 2025.

Aprovado em: 18 de dezembro de 2025.

Publicado em: 01 de janeiro de 2026.

Autoria:

Chinde Cipriano Artur-

Mestrando em Sociologia de Desenvolvimento (UniRovuma); Licenciado em Psicologia Escolar (UP). Coordenador do Centro de Orientação Empresarial - no Instituto Para Promoção das Pequenas e Médias Empresas em Nampula. E-mail: chindeartur17@gmail.com. País. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0001-5372-3080>.

Pascoal Muibo

Doutorado em Sociologia- Ciências Políticas, pela Universidade Otto-von-Guericke Magdeburg. Alemanha.

E-mail:P.muibo@gmail.com

País: Alemanha